



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 12 N. 02 2016

Guerra do Paraguai e Literatura na América do Sul

Adeus, Chamigo Brasileiro — Uma história da Guerra do Paraguai, de André Toral

Luciane da Silva Alves
UFRGS

André Toral nasceu em 1958 na cidade de São Paulo, é mestre em Antropologia Social pela UFRJ e Doutor em História pela USP. Desde 1986, se dedica às histórias em quadrinhos. Nesse ano, publicou sua primeira HQ na revista *Animal*, *Pesadelos paraguaios*, cujo tema já era seu principal objeto de pesquisa: a guerra do Paraguai e a relação entre as diferentes etnias que habitam a América do Sul. Outras histórias seguiram essa, publicadas em diversas revistas, como *Circo* e *Lúcifer*. O primeiro romance gráfico, *Histórias do Sertão* foi lançado em 1988 e em 1999 foi publicado *Adeus, Chamigo Brasileiro — Uma história da Guerra do Paraguai*, que inicialmente integrou a tese de doutorado do autor e foi republicado em 2008 pela Cia das Letras. Ambos romances foram premiados com o HQ mix no ano de publicação. Todas as ilustrações e as histórias em quadrinhos de André Toral são baseadas em pesquisas históricas e em iconografias das épocas a que se referem os textos. Atualmente ele está trabalhando no romance gráfico *Castor e Pólux*, sobre a presença holandesa no Brasil.

Adeus, Chamigo brasileiro — Uma história da Guerra do Paraguai (2008) é dividido em duas partes: “Voluntários da Pátria” e “Ladislao Iturbe”, que recuperam os momentos da Guerra do Paraguai, através das histórias de três personagens protagonistas: Jorge, um jovem carioca provindo de uma família rica, que vai à Guerra com a esperança de conquistar o amor da dama de companhia de sua mãe; Silvino, um baiano pobre que é levado à força junto com um companheiro; e Ladislao, estudante paraguaio, que está se formando na Europa quando é convocado pelo seu país, já quase sem soldados, para se juntar ao exército local.

A primeira parte do texto, “Voluntários da Pátria”, apresenta um panorama do cenário anterior à guerra, com cenas das vidas dos protagonistas e a participação nos conflitos, e dá mais atenção à vida do carioca Jorge. A narrativa começa em março de 1963, com Ladislao, o jovem que está na Europa e se mostra disposto a desertar caso seja chamado à Guerra. Também se colocam mais informações referentes à situação do Paraguai, cujo presidente é descrito pelo estudante como um ditador. Nesse ínterim, o secretário paraguaio informa em um breve discurso que a situação do país é muito complicada, diante do que o grupo de estudantes, ao qual pertence Ladislao, começa a refletir sobre a situação de pôr fim aos estudos e ter que voltar a América como soldados.

Dois anos depois, começa a jornada de Silvino, boiadeiro do sertão da Bahia, que, sem entender nada, é sequestrado por soldados brasileiros e levado ao Paraguai, acorrentado como um escravo. Essa cena é vista por Jorge, que se horroriza com a situação do país. Em seguida, conhecemos a cena burguesa carioca, onde Jorge vive tranquilamente sem muitos riscos ou trabalho. A única situação que parece abalar os seus sentimentos é o amor que ele nutre por Helena, uma jovem dedicada que trabalha em sua casa, e que ele acredita não ser correspondido. A diferença de classe entre os dois motiva a mãe de Jorge a pedir que um antigo amigo da família, Luis Garcia, o convença a ir para a guerra, acreditando assim afastá-lo de um mau casamento. Pelo motivo contrário, Jorge decide ir, pois acredita que a pena de vê-lo arriscando a vida fará com que Helena decida casar com ele quando voltar.

A chegada ao campo de Guerra é uma surpresa positiva para o carioca, que se deslumbra com a novidade de ver um enorme acampamento de três países, Brasil, Uruguai e Argentina, o contato com uma nova língua, a rotina militar, tudo o que caracterizava este novo mundo ao qual ele passava a fazer parte. Por outro lado, para homens provindos da classe trabalhadora, como Silvino, a chegada à Guerra era apenas uma continuação da vida sacrificada que já levavam.

A batalha de Tuiuti, no dia 24 de março de 1866, traz outra realidade aos olhos de Jorge. O massacre do exército paraguaio, que tentava surpreender os soldados da tríplice aliança, ocorre tão rápido e violentamente que o único que resta do “melhor exército que o Paraguai jamais reuniu” é uma montanha de corpos. A cena tão impactante faz com que Jorge pense em Helena e questione se, algum dia, voltaria a ser quem era. O caráter insano da guerra já era uma certeza, mas aquela cena mostrava que poderia atingir limites inimagináveis de horror. Alguns meses depois, os bombardeios contra o acampamento dos aliados se tornam diários, mas o exército permanece no lugar

após a vitória de Tuiuti. A descrição desta cena é um dos principais pontos onde o texto desfaz a imagem heroica do Brasil na Guerra. Ao mostrar a brutalidade com que são atacados os paraguaios, o texto induz o leitor à reflexão sobre a miséria do outro e a falta de humanidade do conflito.

Após uma tentativa fracassada de conciliação, a guerra segue com novos ataques aos paraguaios. Em 22 de setembro de 1866, a batalha de Curupati deixa um clima lúgubre, e não é possível saber a dimensão dos estragos causados às trincheiras lideradas por López. Depois de algumas horas, os soldados argentinos e brasileiros tentam atacar as trincheiras, mas os paraguaios conseguem se defender, deixando mais de mil mortos. A revanche paraguaia em Curupati é a maior derrota dos aliados na Guerra, mas não põe fim ao conflito.

Os soldados brasileiros começam a desejar o fim da guerra e a perceber que em ambos os lados há pessoas comuns, boa gente, que na guerra são apenas “carne para canhão”. Ao perceber o outro como semelhante, há um questionamento dos elementos identitários e nacionalistas, que seriam motivadores do confronto. Parece haver uma conscientização de que o grande conflito existe entre as classes sociais e não entre os países, já que, para as pessoas comuns, os soldados, a vida de sacrifícios pouco ou nada mudaria. A Guerra parece longe do fim, as destruições seguem com ataques a Humaitá. Para Jorge, a desilusão chega por saber do casamento de Helena. Para Silvino, pelo sonho de ter botas novas. Os conflitos pessoais se misturam aos destroços da guerra.

A segunda parte da narrativa, “Ladislao Iturbe”, conta como se cruzam as vidas de Ladislao, Silvino e Jorge. Após uma tentativa de assalto a Jorge, Silvino é obrigado a desertar. No caminho de fuga, depois de vagar por vários dias com medo de uma perseguição, o soldado baiano encontra Ladislao, e, apesar de reconhecer o uniforme paraguaio, seu cansaço é muito maior que as causas da guerra, e apenas pede comida ao suposto inimigo. Os dois, famintos, dividem a carne de cavalo sem sal e juntos começam a assaltar os povoados próximos para poder sobreviver, e entre a sobrevivência e a espera pelo fim da Guerra, Ladislao conta sua história.

A guerra havia interrompido o curso de Direito do jovem paraguaio, que teve de voltar da Europa para juntar-se ao exército nacional. Com um breve treinamento, Ladislao parte com o 16º batalhão de Infantaria e em Jataí conhece a verdadeira guerra, que até então havia visto apenas nos livros. Sobrevive à batalha que matou 1.700 de seus compatriotas, é levado como prisioneiro para Passo de los Libres e posteriormente

obrigado a servir ao exército brasileiro. Mais tarde, assim como outros em sua mesma condição, Ladislao deserta para voltar a juntar-se ao exército paraguaio.

Já de volta à infantaria de López, Ladislao é convocado para o jornal que o comandante decide fazer, e a partir disso sua vida toma novos rumos. Graças a este trabalho, começa um período subversivo e de maior liberdade para Ladislao, que viaja para outros locais do país, tem a possibilidade de reencontrar sua família e ver a situação das pessoas comuns, em meio a uma guerra que deixou tantas mulheres viúvas e aumentou a miséria no país guarani. Ciente da realidade do Paraguai na guerra, decide fugir após um novo bombardeio dos aliados.

Em meio à história, Ladislao e Silvino escutam um tiroteio e acreditam ser um ataque a outros desertores. Neste grupo está Jorge, que acaba sendo afastado do campo de batalha por seu cavalo ferido. Ladislao e Silvino encontram o carioca delirando ao lado do cavalo morto. Silvino, ao reconhecer Jorge, decide matá-lo, por medo de uma perseguição. Ladislao no entanto, o impede e decide ajudar o brasileiro ferido. Sem que eles saibam, a guerra é encerrada por Caxias. Um grupo de soldados que passava perto de onde estavam os desertores, os reconhece e Jorge e Ladislao decidem render-se. Silvino, ao contrário, ataca e acaba morrendo com um golpe de lança. Jorge e Ladislao encontram um acampamento brasileiro para pedir ajuda e conseguem por fim regressar às suas casas, e nos anos seguintes mantêm a amizade que começou na guerra.

O fato de apenas Jorge e Ladislao terem sobrevivido e suas histórias ganharem mais destaque na narrativa reforça a ideia de que nenhum benefício que pudesse trazer a guerra melhoraria a vida dos mais pobres. Silvino representa justamente a terceira margem do conflito, o local daqueles para quem a miséria e o sacrifício não eram novidades. Novamente persistem na História os nomes daqueles a quem o privilégio já havia sido dado. Os ideais revolucionários e patrióticos na prática se mostram como elementos de uma identidade burguesa, enquanto os da classe baixa apresentam características muito comuns, sejam brasileiros ou paraguaios. A cena em que o soldado não reconhece a diferença entre um pássaro paraguaio ou brasileiro, pensando que são iguais, mostra que a fronteira entre classes existente nos países, onde poucos têm direito ao conhecimento, os torna lugares iguais.

A obra, portanto, questiona a visão dualista do período de guerra, mostrando as fronteiras como parte de um local apenas imaginário, onde de cada lado há pessoas reais, com sonhos, sentimentos e famílias, que possuem semelhanças, mas acabam matando e morrendo em nome do ideal alheio. A guerra contada no livro de Toral não

tem vencedores. Todos perdem e todos se sacrificam inutilmente pelos mandos de seus governantes. Embora se foque profundamente nos conflitos e nas batalhas mais importantes ocorridas no período, *Adeus, Chamigo Brasileiro* apresenta um contraponto interessante com a vida íntima dos protagonistas, questionando o status heroico que por vezes foi dado ao evento.

Referências

TORAL, André. *Adeus, chamigo brasileiro – uma história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *André Toral*. Disponível em <<http://www.andretoral.com.br/>>. Acesso em 20 mai 2017.